

humanitas

Vol. V-VI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. II E III DA NOVA SÉRIE
(VOLS. V E VI DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA
MCMLIII-IV

NOTÍCIAS E COMENTÁRIOS

A DECIFRAÇÃO DO MINÓICO LINEAR B

As inscrições das placas de argila, encontradas no lugar da antiga Pilos e em Cnossos, e publicadas respectivamente em 1951 (1) e 1952 (2), acrescidas de novos achados em Pilos e Micenas, no verão de 1952, vieram tornar possível, graças à abundância de material, uma tentativa de decifração, feita sobre o conjunto das inscrições descobertas.

As duas escritas minóicas, não hieroglíficas, o Linear A e o Linear B, tinham já sido diferenciadas pelos investigadores americanos Miss Alice Kober (f 1950) e Prof. Emmet L. Bennet, Jr., como portadoras de duas línguas diferentes, e este último, segundo Ventris-Chadwick, sugeriu uma relação entre as indicações fraccionais de quantidades, contidas nas placas, e o «sistema económico do continente grego» (V.-Ch., p. 84). Por outro lado, uma parte dos arqueólogos que têm estudado Creta, nomeadamente o Prof. Alan Wace, de Cambridge, defendiam a tese de um domínio grego sobre Creta, em meados do século xv a. C., ao contrário da opinião corrente que invertia a situação, atribuindo a Creta uma talassocracia dominadora do continente. Finalmente, nos primeiros meses de 1952,

(1) Dr. Emmet L. Bennet, Jr., *The Pylos tablets*, Princeton, 1951.

(2) Sir John Myres, *Scripta Minoa*, II vol., Oxford, 1952. O vol. I de *Scripta Minoa* (Oxford, 1909) foi publicado por Sir Arthur Evans que dirigiu as escavações de Creta, e contém as inscrições pertencentes aos outros dois tipos epigráficos, considerados mais antigos, a saber, o Hieroglífico e o Linear A.

Michael Ventris chegou à conclusão de que a língua escrita em Mínico Linear B era grego.

O decifrador é arquitecto de profissão, mas interessou-se pelo problema da língua das placas de Creta, ao ouvir em 1935 uma conferência de Sir Arthur Evans, o famoso arqueólogo britânico, falecido em 1941. Michael Ventris, que era então estudante, ouviu da boca de Evans, como todas as tentativas feitas para decifrar as misteriosas inscrições tinham resultado infrutíferas. E a ideia de vencer o desconhecido deve ter-lhe surgido então.

No trabalho publicado em 1953, de sociedade com um linguista, J. Chadwick, de Cambridge, e intitulado *Evidence for Greek dialect in the Mycenaean archives* (separata do *Journal of Hellenic Studies*, vol. Lxxix, 1953, pp. 84-105), os autores estabelecem 88 sinais fonéticos diferentes, número que, sendo elevado para um alfabeto, já o não é para um *silabário*. Importa também assinalar desde já a uniformidade, quase completa, dos símbolos e da ortografia das palavras, tanto na ilha de Creta (Cnossos), como no continente grego (Pilos, Micenas e Tebas).

Ventris e Chadwick explicam no sensacional artigo, com algum pormenor, como se constituiu a «grade» (Ventris foi criptógrafo na Segunda Guerra Mundial) com os valores fonéticos dos 65 símbolos mais frequentes.

A decifração foi facilitada, não só pelo rigoroso método seguido pelos Autores, mas também pelo próprio conteúdo das placas: listas de pessoas e de coisas, numa espécie de arrolamentos de bens, organizados, pensam os decifradores, poucos meses antes da destruição dos diversos edificios onde as placas foram encontradas. A escrita é acompanhada de ideogramas, ou figuras estilizadas, que se encontram junto dos símbolos fonéticos (sem se misturarem com eles) e são facilmente reconhecíveis: pior exemplo, desenhos de recipientes sem asas, ou com duas, três ou quatro asas. Estes ideogramas ajudaram não pouco a decifrar o texto alfabético, e compensaram, em certa medida, a impossibilidade que os Autores em breve reconheceram, de utilizar o silabário cipriota, apesar de conhecido, como guia e orientação no estudo do material micénico. Com efeito, as convenções de escrita, além de

(3) Cf. p. 90.

diferentes, são no silabário do Minóico Linear B mais rudimentares, que no silabário cipriota.

A escrita minóica, que não conhece notação nem para as aspiradas (o mesmo sucede com a aspiração vocálica) nem para as oclusivas sonoras (com excepção da dental), que não assinala nem a consoantes duplas nem a duplicação consonantica, só tem sinais para as oclusivas surdas (mais a dental sonora) e — quem havia de imaginá-lo! — possui símbolos especiais para as sílabas de labiovelar 4^v vogal (faltando lhe, todavia, um sinal para *qa*). Não foi sem grande surpresa que os Autores de *Evidence for Greek dialect in the Mycenaean archives* chegaram a esta conclusão (3): *qo-u-ko-ro* = *βουκόλοι*, *a-to-po-qo* = *ἀρχοκόποι*, etc..

Quando uma oclusiva precede imediatamente outra consoante, a vogal que acompanha a oclusiva é idêntica à da sílaba seguinte: *Ko-no-so* = *Κνωσός*, *wa-na-ka* = *Φάναξ*, *ku-ru-so* = *χρυσός*, *ki-ti-ta* = *κίτιτάς*.

A sibilante (surda), as líquidas (notadas por *r* apenas) e as nasais são omitidas em fim de sílaba e em final de palavra: *pa-te* — *πατήρ*, *ma-te* = *ματηρ*, *e-ko-te* = *εχοντες*, *ko-wo* ~ *κόριοι*.

A sibilante e a semi-vogal *w* não aparecem, ao que se crê, em posição inicial: *pe-ma* = *σπέρμα*, *ri-jo* = *Γρίον*.

Encontra-se uma semivogal de transição, quando *i* ou *u* são seguidos de vogal: *i-jo-te* — *Ιόντες*, *E-u-wa-ko-ro* = *Εὐαγρος*.

O silabário nota diferentemente as vogais *a*, *e*, *i*, *o*, *u*, mas não distingue quantidades. Nos ditongos, nota *u* subjuntiva de ditongo, mas omite *i* em idêntico emprego (exceptua-se *ai-* inicial, ou ditongo antes de outra vogal); *-ai* e *-oi* finais são provavelmente *-αις* e *-οις*: *re-u-ko* = *λενκοί*, *po-ro* — *πόλοι*.

O artigo do *Journal of Hellenic Studies* contém ainda um estudo de Morfologia das formas decifradas: § 6. Variações devidas ao género; § 7. Pronomes pessoais; § 8. Nomes de ocupações: a sua declinação e formação; § 9. Formas verbais. E finalmente, § 10. A posição do dialecto micénico.

De muito interesse é a lista das ocupações, em número de cem, na sua maioria palavras compostas, contidas no § 8. A maior parte corresponde a ocupações especializadas para as quais se não encontram as palavras correspondentes no vocabulário clássico que conhecemos.

O resumo das características dialectais do Micénico parece aproximá-lo do Árcado-Cipriota, mas numa fase mais antiga. Teríamos

no grego do Minóico Linear B, a língua dos *Ἀχαιοί* de Homero (não confundir com a Acaia históica), a língua de Nestor e de Agamémnon, sendo as placas da Grécia continental datáveis de 1300-1200, e as de Creta de 1400 a. Cristo.

Embora seja talvez cedo demais para assentar em definitivo a posição dialectal do grego das placas micénicas, alguns factos de carácter fonético podem já ser deduzidos com segurança. Um deles, por exemplo, é o da permanência das labiovelares em grego até ao séc. xm a. C., ou ainda mais tarde.

A decifração, embora incompleta e susceptível de correcções em pormenor, parece estar definitivamente conseguida, pois já foi confirmada por leituras de placas que eram desconhecidas de Ventris e Chadwick, na altura em que publicaram o seu trabalho.

Deste modo, é possível que em breve tenhamos de rever muitas ideias, que pareciam inabaláveis, sobre a língua, a literatura, a história da religião, a sociologia (as placas são muito valiosas, quer sob este aspecto, quer sob o da história económica), e ainda sobre a história da arte e da cultura (no mais lato sentido do termo), do mundo helénico, numa fase muito mais antiga, do que a mais antiga até hoje históicamente conhecida.

Que dizer agora do famoso argumento da ignorância da escrita no período homérico, argumento tão importante paia a génese da chamada *questão homérica*, em tempos modernos? A sua gravidade, sobre a qual já se faziam restrições, está definitivamente anulada com a decifração do Minóico Linear B. O velho argumento já não tem razão de ser, agora quando sabemos que já existia escrita na Grécia, alguns séculos antes de Homero.

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO